

“Não podemos nos contentar com um PIB de 4%”

Ex-diretor do BC vê desaceleração gradual da economia mundial nos próximos meses

SIMONE CAVALCANTI
SÃO PAULO

Diversidade. Foi com essa palavra que Ilan Goldfajn, ex-diretor de Política Econômica do Banco Central e hoje professor do Departamento de Economia da PUC-Rio, definiu a atual situação dos exportadores brasileiros diante da apreciação do real. “Tem de tudo”, diz, “dos que continuam vendendo aos que perderam competitividade”.

Com uma visão serena sobre as perspectivas da economia mundial, Goldfajn vê uma desaceleração gradual e diz que um ajuste para um déficit de 1% em conta-corrente não é ruim.

Quanto ao cenário interno, com inflação controlada, o economista afirma que já passou da hora de o Banco Central ganhar sua autonomia legal, como acontece no resto do mundo.

Veja abaixo, os principais trechos da entrevista:

Gazeta Mercantil - Quais os fatores que estão interferindo negativamente no nível de atividade neste ano?

Ilán Goldfajn - A economia crescerá mais do que no ano passado, que foi, na realidade, uma decepção. Mas em 2006 é possível crescer algo em torno de 5,5% e mais perto de 4%. Pelo andar da carruagem, creio que não passaremos de 4%. O País não cresce muito mais do que isso pelas questões estruturais que existem: carga tributária, que inibe investimento, ineficiências como a burocracia para abrir e

fechar empresas, além das dificuldades judiciais.

Gazeta Mercantil - Para 2007 é possível que uma expansão entre 3% e 4% se repita?

Goldfajn - As perspectivas para 2007 dependem muito de medidas de política econômica. Existem algumas reformas relevantes que têm de ser feitas e, espero que o novo presidente trabalhe nisso. Uma delas é tratar do aumento das contas públicas e neste contexto tem de se falar em previdência, em gastos obrigatórios. Se houver medidas nessa área, acho que, mesmo que não seja aprovado tudo imediatamente, o movimento já será incorporado nas expectativas e haverá um impacto positivo no investimento privado.

Gazeta Mercantil - Se o crescimento chegar a 4% está bom?

Goldfajn - Acho que poderíamos, se fizemos as reformas, crescer mais do que isso. Não deveríamos nos contentar com esse patamar de crescimento.

Gazeta Mercantil - O atual aquecimento econômico repre-

“A economia crescerá mais do que em 2005, que foi uma decepção. O País não cresce muito mais por questões estruturais”

senta algum perigo para a inflação no médio e longo prazo, uma vez que para este ano, ao que tudo indica, estará até abaixo do centro da meta de 4,5%?

Goldfajn - Se não houver nenhum descontrole no ano que vem, ou seja, se o governo não der um aumento de salário para o funcionalismo público e para o

salário mínimo na mesma proporção deste ano. Vamos supor que a racionalidade seja preservada e no ano que vem o pessoal seja mais contido. Se isso ocorrer, do jeito que está indo, a inflação se mantém abaixo da meta. As projeções do mercado hoje estão em 4,5%.

Gazeta Mercantil - Mesmo com uma alta da cotação do petróleo no mercado internacional e um repasse necessário para os preços internos?

Goldfajn - É possível que o preço dos combustíveis suba no Brasil. Se subir, neste ano, em vez de dar uma inflação de três e pouquinho, ficará em 4%. Mas, no próximo ano, vai para baixo. Isso tudo, desde que ninguém faça besteira no que diz respeito ao controle das contas públicas.

Gazeta Mercantil - O senhor acredita ser necessário fazer aperfeiçoamentos do modelo de metas de inflação atual?

Goldfajn - O aperfeiçoamento que cabe no momento é dar autonomia legal ao Banco Central. Hoje o Banco Central é autônomo de fato, pois toma decisões autônomas pautando-se pela boa gestão, mas a autonomia não está na lei ao contrário do resto do mundo. Não dá para ficar mais dez anos como de fato, mas não de direito.

Gazeta Mercantil - Isso aumenta a credibilidade, o que contribuiu para que nos próximos dois anos ajude a manter a inflação abaixo da meta...

Goldfajn - O objetivo não é ficar abaixo da meta, mas permitir que os juros caiam. A ideia é que a inflação siga baixa com o menor patamar de juro possível.

Gazeta Mercantil - A mudança do ano-calendário não seria apropriada agora também?

Goldfajn - Não é o momento ainda, pois 4,5% ainda é alto para se dar por satisfeito. Quando cairmos para uma inflação que consideremos de longo prazo — no Chile, por exemplo, é de 3% — então será o momento de acabar com o ano-calendário. Mas, no momento como ainda não chegamos lá, acho que não vale a pena.



Ilán Goldfajn

Gazeta Mercantil - Falando um pouco da formação do PIB, até

o ano passado, o setor externo teve participação razoável. Neste ano, muitos já esperam que a colaboração seja negativa. O senhor também acredita nisso e qual o motivo?

Goldfajn - Houve um ajuste relevante na conta-corrente nos últimos anos. Não se pode esperar que isso ocorra indefinidamente. A contribuição para o crescimento desse componente necessariamente acaba sendo menor, pois não vamos ver o superávit comercial aumentando todo ano. Há que se esperar uma desaceleração nesse sentido.

Gazeta Mercantil - A apreciação do real frente ao dólar é o motivo mais relevante?

Goldfajn - A taxa de câmbio é o resultado do que vem acontecendo. O que puxa a balança comercial são as commodities e o preço delas está subindo porque o crescimento mundial está forte na Ásia, Estados Unidos, em menor medida na União Europeia e o Japão, que finalmente voltou a crescer. Com as exportações crescendo acaba havendo impacto no câmbio. Agora me pergunte se o saldo comercial

caiu por causa do câmbio? Não. As cotações das commodities aumentaram, com algumas subiram menos, pois já houve um puxão forte nos anos anteriores e não é possível haver um aumento dessa magnitude a cada ano. É claro que alguns setores brasileiros perderam competitividade, como o de calçados.

Gazeta Mercantil - Não é possível ser competitivo em todos os setores sempre...

Goldfajn - Exatamente. Quando se ganha mais competitividade em algumas áreas, outras acabam perdendo.

Gazeta Mercantil - Com o mesmo cenário para 2007, a continuidade da perda de competi-

“Um recuo para déficit de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) em conta-corrente não será um desastre”

vidade em alguns setores pode ser prejudicial em que medida?

Goldfajn - É prejudicial se houver um exagero. Se o câmbio estiver apreciado como resultado de mudanças nos fundamentos, coisas palpáveis, como elevação do preço das commodities e crescimento mundial, não há problemas. Agora, se for uma bolha, como, por exemplo, todos resolvem investir no Brasil com dinheiro de curto prazo, aí, sim, será um problema. Sempre existe a possibilidade de haver um overshooting, quando o câmbio passa do seu equilíbrio. Essa parte é mais complicada. Por isso os países tentam economizar, acumulando reservas em fases boas, para poder enfrentar uma saída de recursos. Vários países

do mundo estão fazendo isso, inclusive o Brasil.

Gazeta Mercantil - Com reservas de US\$ 70 bilhões, se houver uma reversão...

Goldfajn - Se houver uma desaceleração gradual, não haverá muito problema. Perde-se um pouco, mas estaremos saindo de um superávit em conta-corrente de 1,5% do PIB. Se formos para zero ou para um déficit de 1%, não será nenhum desastre.

Gazeta Mercantil - Pelas suas perspectivas qual o cenário que se aproxima?

Goldfajn - O pico da economia mundial já passou e estamos em direção a uma desaceleração.

Gazeta Mercantil - Há quem defenda que, como a apreciação cambial está desfavorecendo alguns exportadores e, ao mesmo tempo, a demanda interna está crescendo uma parte de produção estaria sendo apenas redirecionada. Esse movimento estaria impedindo que a indústria expandisse mais sua produção para vender o que vendia ao mercado externo e também atender ao mercado doméstico. O senhor concorda com isso?

Goldfajn - A diversidade é grande no Brasil. Então, há de tudo. Tem gente que continua exportando muito bem, obrigado, e não está indo para o mercado interno de jeito nenhum. Há aqueles que têm menos competitividade, esses, se tiver espaço no mercado interno — e vários deles têm — redirecionam sua produção. E ainda há quem esteja no pior dos mundos, pois perdeu a exportação e não tem mercado aqui. Nesse caso a economia é dinâmica: cria-se novos produtos e, conseqüentemente, novos mercados e os outros mais deficientes fecham.